



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

A Brincadeira do babau de Itapororoca- PB:
rememorando o passado e sua relação com o presente

Rogério de Souza Ribeiro

Rio Tinto-PB

Setembro de 2019

Rogério de Souza Ribeiro

**A brincadeira do babau de Itapororoca- PB:
rememorando o passado e sua relação com o presente**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Graduação em
Antropologia da Universidade Federal da
Paraíba, em atendimento às exigências para
obtenção do Grau de Bacharel em
Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Oswaldo
Giovannini Júnior

RIO TINTO – PB

2019

Rogério de Souza Ribeiro

**A brincadeira do babau de Itapororoca- PB:
Rememorando o passado e sua relação com o presente**

DATA DE APROVAÇÃO: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientador
Dr. Oswaldo Giovannini Junior

Examinador
Dr. João Martinho Braga de Mendonça

Examinador
Dr. Estevão Martins Palitot

RIO TINTO – PB

2019

Agradecimento

Os agradeço aos professores do curso de antropologia, que souberam conduzir minha trajetória no curso. Em especial aos professores Estevão Palitot e João Martinho, por terem aceitado fazer parte da minha banca.

Um agradecimento fraterno e de gratidão ao professor Oswaldo Geovanine, sem sua orientação seria bem mais difícil chegar até aqui, o meu muito obrigado.

Aos meus colegas de turma, muitos levarei comigo por toda vida.

Ao meu amigo Irineu, este que me apresentou ao universo antropológico.

Agradeço a todos os familiares, principalmente aos que apostaram e acreditaram em minha caminhada.

Por fim, agradeço a minha amada mãe, essa é responsável por tudo isso, pois foi através da realização de um de seus sonhos, o de ver um filho formado, que ela me convenceu a ser quem eu sou e quem eu me tornei, um antropólogo. O primeiro da família. Mãe, te dedico todo o meu amor e agradecimentos.

A Brincadeira do babau de Itapororoca - PB: rememorando o passado e sua relação com o presente

The babau pank of Itapororoca - PB: recalling the past and its relationship to the present

Rogério de Souza Ribeiro¹

Oswaldo Giovannini Junior²

Resumo

Este artigo apresenta como é realizada a brincadeira do babau no município de Itapororoca. Farei uma abordagem, através dos moradores mais velhos, de como eram realizadas estes eventos. Farei isso relacionando os tempos passados com os tempos contemporâneos. Pretendo apresentar quais foram as principais mudanças e como esses moradores enxergam, analisam e quais suas opiniões sobre as mudanças ocorridas. Apresento quais foram os motivos que os interlocutores apontaram, como sendo os principais, para o declínio das apresentações. Incremento o artigo, discorrendo sobre um filme etnográfico que foi realizado em Piripiri. Realizei o trabalho como estudante, mas também como participante da brincadeira do babau, faço parte como babauzeiro. A brincadeira do babau consiste na apresentação de bonecos manipulados pelas mãos. A pesquisa ocorreu no município de Itapororoca, localizada no litoral Norte do Estado da Paraíba.

Palavra- chave: Brincadeira, Babau, Cultura popular e Memória.

Abstract

This article presents how Babau play is performed in the municipality of Itapororoca. I will approach the older residents through how these events were held. I will do this by relating past times to contemporary times. I want to present what were the main changes and how these residents see, analyze and what their opinions about the changes occurred. I present what were the reasons that the interlocutors pointed, as being the main ones, for the decline of the presentations. I increase the article by discussing an ethnographic film that was made in Piripiri. I did the work as a student, but also as a participant in the Babau joke, I'm part of babauzeiro. Babau play consists of the presentation of hand-manipulated dolls. The research took place in the municipality of Itapororoca, located on the north coast of Paraíba State.

Keyword: Play, Babau, Popular Culture and Memory.

Introdução

Este trabalho pretende analisar a brincadeira do babau, auto popular que faz parte do que se considera como teatro de bonecos do Nordeste. Essa manifestação faz parte da cultura popular do município de Itapororoca - PB. Pretendo abordar essa manifestação da cultura popular de Itapororoca dentro dos efeitos da dinâmica social com seus processos de mudanças. Algumas práticas artísticas, musicais, rituais já não existem mais, outras foram modificadas em sua estrutura ou em seus sentidos.

O município de Itapororoca está situado na microrregião do Litoral Norte, fazendo parte do Vale do Rio Mamanguape, é considerado um dos maiores produtores de abacaxi do estado da Paraíba. Seus habitantes são aproximadamente 17.000 pessoas, em sua maioria vivem da agricultura familiar, a terra é rica e a água é farta e de fornecimento gratuito para a população. Trata-se de uma cidade sem grandes investimentos econômicos ou de estrutura, pacata, mas também com acesso limitado às novas tecnologias de comunicação.

A autora Adriana Schuster (2007) aborda este tema em seu trabalho realizado na Zona da Mata Pernambucana:

A percepção da força destas brincadeiras nesse universo social me parece fundamental, não apenas pelo fato já ressaltado na bibliografia clássica sobre a importância desses fenômenos para o fortalecimento de sentimentos de coesão comunitária. O reconhecimento das brincadeiras pode aprofundar o entendimento dessa mesma realidade. Como procuro argumentar, as brincadeiras de mamulengo e de cavalo marinho são vivenciadas pelos agricultores e trabalhadores nesse mesmo contexto social. (ADRIANA SCHNEIDER, 2007: p. 35).

O Sítio do Pirpiri é uma localidade situada na zona rural do município, formando uma comunidade com 68 famílias. As atividades econômicas estão voltadas para a agropecuária: abacaxi, cana-de-açúcar, agricultura e pecuária familiar e de subsistência. É neste Sítio que realizo minha pesquisa.

O babau é uma brincadeira que consiste na apresentação de bonecos manipulados pelas mãos do artista, cujas histórias narram de forma cômica o cotidiano. O babau é uma brincadeira que também pode ser chamada de “mamulengo”,

“brincadeiras de boneco” ou “fantoques”. Segundo Zildalte e Luiz Assunção, recebe nomenclaturas diferentes dependendo do lugar onde é construído, “João redondo no RN e em parte da Paraíba/PB, mamulengo em Pernambuco/PE, Cassimiro Coco no Ceará/CE e Babau na Paraíba/PB, e outros nomes como Capilé, Mané Gostoso, Benedito, Calunga” (MACÊDO e ASSUNÇÃO, 2018: p. 5).

A brincadeira tem origem remota e espalhou-se pelo Nordeste, especialmente de Pernambuco ao Ceará. Na região de Itapororoca, segundo contaram os entrevistados, foi na “venda” de uma moradora, dona Lina, residente do sítio Piripiri, que a população teve o primeiro contato com o Babau, apresentado por um vizinho chamado Luiz Polino, que presenciou pela primeira vez a brincadeira na cidade de Campina Grande - PB. Até então, ninguém da região sabia o que era tal brincadeira. Rapidamente houve a transmissão, negociação e circulação da prática do saber do teatro de bonecos de Itapororoca. Após o senhor Luiz Polino deixar de brincar, Zé Custódio deu continuidade à brincadeira. Outro morador da comunidade assumiu o posto de babauzeiro, conhecido como Bilu de Maria Augusta. Bilu passou pouco tempo brincando, indo morar em outra cidade, então outro morador da comunidade, Gavião do Forró, ficou responsável pelas apresentações, esse foi o último e o único que tem até hoje. Gavião tornou-se a referência para a comunidade como babauzeiro. Gavião tinha uma equipe para brincar, ficou responsável pela brincadeira, mas hoje só resta ele. Além de brincar ele mesmo faz os bonecos.

Sabemos que pessoas mudam, os espaços mudam, os objetos mudam os costumes, as artes, a música, as danças e a visão de mundo das pessoas mudam. As tradições se mantêm no tempo, porém em constante transformação, seja na memória, seja nas suas práticas rituais e ou performáticas, de acordo com suas dinâmicas, ora marcadas por movimentos de transformação internos à sociedade de origem, ora por movimentos provocados por contatos interculturais, ou seja, com outras sociedades, outras pessoas, modos de ver e viver. Neste sentido, MACÊDO e ASSUNÇÃO, (2018) citam Carvalho. Ao enfatizar que:

A espetacularização da cultura popular ocorre quando um evento seja de caráter ritual ou artístico, criado dentro de um grupo para atender suas necessidades e anseios, e que é preservado e transmitido através de um circuito próprio, é transformado em espetáculo para atender a um grupo desvinculado de sua origem e muitas vezes,

desconhecedores de seus códigos. (CARVALHO, 2010, *apud* MÂCEDO e ASSUNÇÃO, 2018, P. 47).

Macedo e Assunção relatam que o teatro de bonecos, em alguns lugares, transformou-se em um produto pronto para ser consumido por qualquer tipo de plateia, para circular em qualquer espaço e para atender a acordos contratuais. Para os autores, a espetacularização é um processo que redireciona o sentido geral do espetáculo para entreter um sujeito consumidor que está fora do processo criador da tradição. Tais fatos têm predominado especialmente nos estados de Pernambuco e Rio Grande do Norte. Entretanto, em Itapororoca os processos de mudança cultural têm se dado de forma diferente.

Dentre os diversos autores selecionados para as reflexões sobre os dados coletados para a pesquisa, além dos já citados, o pensamento de Stuart Hall (2003) serviu de embasamento para a compreensão da cultura enquanto produção. A cultura é uma produção. Tem sua matéria prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo”. Depende de um conhecimento da tradição enquanto “o mesmo em mutação” e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse “desvio através de seus passados” faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar (HALL 2003, p. 43). O autor nos alerta para a compreensão de que a cultura se constrói e se reconstrói o tempo todo, está sempre em processo.

Em Itapororoca o babau também tem sua história. A brincadeira, como os moradores gostam de chamar, quando era feita, arrecadava mais de oitenta cruzeiros entre o contrato e o que arrecadava no terreiro durante o manuseio dos bonecos, e quando o público estava gostando e não queria que a brincadeira terminasse. O dono da festa, aquele que promovia a brincadeira, fosse em um bar ou em uma casa, pedia mais contribuição e novamente o chapéu era passado no terreiro, então a brincadeira se estendia. Outra diversão que estava presente na comunidade, e que também ajuda a compreender a história local, era a ciranda. Um novo morador que veio da zona rural de Curral de Cima/PB, era um cirandeiro, começou tocar ciranda no terreiro de sua casa. Os populares curiosos no começo só observavam, depois caíram na dança. Desde então

a ciranda e o babau ficaram responsáveis de animar festejos na região nas festas tradicionais, encerramentos do mês de maio e novenas de festas católicas.

A ciranda quando chegou, em meados dos anos noventa, o Babau já tinha entrado em declínio. A ciranda ficou muito mais presente neste contexto de reconfigurações, ajustamentos e de continuidade com o passado que não a impediu de negociar com instituições que surgiram no presente e até mesmo de ser explorada e manipulada por aqueles que a usam para fins comerciais. Macêdo e Assunção, (2018, p. 3) sustenta a ideia de que certas manifestações da cultura tradicional ainda funcionam na sociedade pós-moderna como um lugar onde o simbólico encontra espaço expressando sentimentos, convivências e visões de mundo. Estas manifestações ainda são importante para o grupo, pois traz à lembrança ideias e concepções do passado que adquire continuidade no presente.

A improvisação casual das falas dos bonecos se constitui numa característica marcante desse gênero teatral, segundo seus pesquisadores. O babau foi muito presente nas zonas rurais das cidades de Curral de Cima/PB, Araçagi/PB e Itapororoca/PB entre os anos oitenta e noventa. Essa brincadeira de bonecos que começou no Sítio Piripiri de Itapororoca rapidamente ganhou admiração do público e dos donos de bodegas que logo começaram a contratar apresentações. Com o passar dos anos, outras formas de diversão começaram a fazer parte da vida da comunidade: a televisão, o forró, as grandes festas da cidade. Com isso, tanto a ciranda quanto o babau entraram em declínio e se transformaram. Não deixaram de existir, ainda sobrevivem, pelo menos na memória e em alguns momentos. Sobre esta história e sobre a atual situação destas formas culturais é que desenvolvi minhas pesquisas.

Metodologia da pesquisa:

A principal referência metodológica é a etnografia, especialmente na forma de observação participante, tal qual nos inspira o trabalho de Malinowski *Argonautas do Pacífico Ocidental*, publicado pela primeira vez em 1922. Outra referência importante são as ideias de Geertz (2008), onde o autor propõe uma “descrição densa” para uma teoria interpretativa da cultura.

Uma pesquisadora que muito auxiliou nesta pesquisa foi Alcure (2007). A autora fez um estudo relacionando o mamulengo com o contexto sócio econômico da Zona da Mata pernambucana, analisa a brincadeira da região.

Em minha pesquisa pude acompanhar os interlocutores, fazer entrevistas, fotografar, gravando cenas da brincadeira e acompanhando passo a passo o desenvolvimento da brincadeira do babau o que me levou a um envolvimento mais próximo desta forma de fazer da brincadeira. Em 2015, após décadas sem a brincadeira do babau acontecer, um senhor conhecido como Biu Liso, fez uma apresentação em sua residência no sítio Cipoal, zona rural da cidade de Itapororoca. De lá para cá fui me aproximando da brincadeira e me envolvendo com ela pessoalmente, como morador do Piripiri, plantador de abacaxi, música sanfoneiro e, aos poucos, tornando-me também um babauseiro. As autoras Camila e Gisele (2017, p.85), apresentam em seu artigo a etnografia entendida “como método de pesquisa que valoriza a dimensão sociocultural dos acontecimentos estudados” e ainda apresentam outra possibilidade que é a autoetnografia:

Entende-se autoetnografia como formadora de uma investigação muito mais em formato de memória ou memória crítica, visto que nesse momento as informações não são submetidas a análises, interpretações e tampouco se articulam a conhecimentos de outras fontes. (SANTOS e BIANCALANA, 2017, P. 86).

Minha primeira experiência de pesquisa com a brincadeira do babau foi na Universidade Federal da Paraíba, a partir da disciplina Memória, Narrativas e Oralidades. Foi quando o professor sugeriu que cada aluno falasse sobre uma manifestação cultural de sua cidade, então falei do mundo do babau do sítio Piripiri de Itapororoca. Foi então quando pela primeira vez assisti à brincadeira. Após esta apresentação fui convidado para fazer parte da brincadeira como sanfoneiro do babau. Aceitei o convite e passei a fazer parte como integrante.

Partindo como pesquisador, resolvi apresentar em uma sala de aula, como parte de um seminário na disciplina Processos Rituais, no ano seguinte. O mestre Gavião do Forró, apresentou a brincadeira em sala de aula para os colegas. Entre 2015 e 2016, em outra disciplina, Técnicas e Estéticas do Audiovisual, o babau retornou à cena, desta vez como roteiro de um filme etnográfico produzido pela turma. Pesquisamos e filmei entrevistas e cenas da brincadeira. Contamos com a ajuda dos moradores mais antigos,

para contarem a história, foram feitas gravações de vídeos com o mestre Gavião e os moradores da comunidade resgatando a trajetória da brincadeira. Neste sentido, Geertz (2008) enfatiza que a etnografia não é só observação e registro e estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, mapear campos, assim por diante, mas essencialmente interpretação. O mestre Gavião narrou a história, Virgulino também narrou a história através de entrevistas e participou do babau como zabumbeiro. Já a minha mãe, narra a história do babau a partir do pai de Gavião, este foi o primeiro a brincar o babau na região. Ela não participa da brincadeira, entra na pesquisa como narradora. Em minha participação no filme eu fiz as seguintes atividades: entrevistei Gavião, organizei a estrutura física do cenário, toquei sanfona na apresentação, brinquei com os bonecos e fiz a tolda. A tolda consiste em uma armação, colocar quatro madeiras e fazer o suporte onde ficam os bonecos. Mais tarde voltarei a falar neste filme etnográfico que acabou por compor também meu Trabalho de Conclusão do Curso.



Imagem 1. Construção da tolda.

Participante do projeto de extensão, RECOSEC, desenvolvido entre os anos 2017 e 2018, resolvi pesquisar o babau e a ciranda como temas dos trabalhos. Foi um projeto voltado para o registro das culturas populares do Vale do Mamanguape. Foi quando fui a campo como pesquisador aprofundar na história do babau. Tive como principais interlocutores a narração do mestre Gavião, Virgulino e minha mãe, Maria das Dores. Assim como tantas outras manifestações, os ensinamentos deles vão sendo passados de geração a geração e cabe aos mais velhos ensinarem para as novas gerações

esses costumes. Macêdo compartilha com o pensamento de Alcure (2001), onde a autora coloca que: “Existe ainda outra forma de transmissão direta da prática e do saber, a que acontece entre os mestres”. A autora chama isso de rede de compartilhamento de saberes. Nesta “rede, mestre aprende com mestre”.

Desenvolvimento e análise:

Farei agora uma descrição do babau, apresentarei as entrevistas realizadas com Virgulino, Seu João, Maria das Dores e Gavião do Forró e aprofundarei a descrição do babau.

O babau representa através da brincadeira de bonecos uma prática cultural. A brincadeira é uma forma de se expressar através do seu mundo simbólico, através da manipulação de bonecos, acontecimentos do cotidiano. O artista, fazendo uso de diversos personagens realiza uma representação do vivido.

O babau de Itapororoca do mestre Gavião do Forró é composto por doze personagens, dentre os doze tem dois que tem um certo destaque: o João Redondo e o Benedito. João redondo é pai de duas lindas meninas, loiras de olhos azuis, representa um tipo social respeitado por ser um homem rico dono de fazenda. O Benedito é outro personagem que também se destaca e que é conhecido por outros nomes, como Birico do babau, Baltazar e o Negro do babau. Tornou-se personagem popular por ser quem causa toda confusão na brincadeira, confusão esta que acaba sempre com prisão ou morte. É um personagem de uma valentia incomparável. Tem também dentre os personagens as turmas dos policiais e o delegado.

A equipe de Gavião era formada por ele, que tocava bandolin e Pedro Cícero que tocava pandeiro. Diz que brincava de bandido e sempre levava um triângulo, geralmente aparecia alguém que sabia tocar e assumia o triângulo, diz que a festa rolava até doze horas da noite.

Tem três momentos de destaque na apresentação da brincadeira do mestre Gavião. O primeiro momento é quando o artista usa dois personagens que combinam para realizar uma festa, sempre usam o nome de alguém que está na plateia. Tal festa conta com a participação das filhas do João Redondo, o próprio João Redondo e

Benedito. Este último se interessa em namorar uma das moças. Para que a brincadeira possa ficar mais divertida e haver identificação do público escolhem para seus nomes alguém que está assistindo a brincadeira. Birico, o Benedito, por ser negro, não é visto com bons olhos pelo pai da moça, dando início a uma confusão. Após sua insistência em dançar com as filhas do fazendeiro, numa segunda parte do espetáculo dão início às brigas de facas, encenando com requintes de crueldades. Um policial, a mando do João Redondo e do delegado trava uma briga com Benedito e leva uma facada no “bucho”, gemendo até a morte. Na terceira parte do espetáculo realizam um casamento, já no final da brincadeira, apresentando a moça grávida de um namorado. Para realizar a festa dos noivos rodam o chapéu na plateia arrecadando algum dinheiro. O que de fato chama a atenção nesse momento é que o padre surge inesperadamente com uma genitália de tamanho muito grande, levando o público às gargalhadas.

Segundo mestre Gavião, a briga de facas não é uma incitação à violência, mas uma representação de um costume local: o uso de facas e brigas de peixeiras era e ainda são muito comuns, principalmente nos interiores nas realizações de festas e que muitas vezes acabavam com mortes. A representação seria para mostrar que a violência acontece e que é uma realidade.

Uma outra cena da brincadeira, que também pode encerrar o teatro, tem certa provocação sexual. Uma das filhas do João redondo aparece grávida, sendo também comum o brincante trabalhar em cima de acontecimentos de garotas da comunidade que aparecerem grávidas. João Redondo, sabendo da gravidez de sua filha procura o responsável no meio do público provocando grande interação: quem engravidou sua filha? O brincante usa o nome de um homem que está assistindo e encerra com a celebração do casamento, onde após o sim dos noivos o padre exhibe seu órgão genital para o público. Uma das finalidades do babau é fazer o povo rir.

Era costume depois que acabava a apresentação dos bonecos, tocar baile pra galera, geralmente por volta das dez horas até o amanhecer do dia, como diz Gavião: “Fazia um forró para a gente dançar, a gente arrumava, pegava o vuco-vuco e ia se embora, arrochava o nó”.

A madeira que Gavião utiliza para produção dos bonecos é o paú parriba, diz ser um material muito bom de trabalhar e melhor de ser esculpido. Essa madeira é retirada da mata do Oiteiro, ou seja, é de fácil acesso. Gavião diz que produz seis bonecos em

um dia e que tem o cuidado de fazer os bonecos sempre diferenciando um do outro, para que não fiquem com as aparências semelhantes. Também usa tintas, panos para as roupas dos bonecos, e diz fazer uma mistura de tinta da cor vermelha com branco, e obtém um resultado para a cor do rosto.

Gavião improvisa suas falas na hora da apresentação. Às vezes o babauzeiro gosta de tomar pé aterrado, ou seja, cachaça, segundo ele, o álcool ajuda a diminuir a timidez:

Ficar doido, a pessoa faz graça na rua, o camarada fica bebendo também, aí o camarada arrocha. É uma gaitada da molesta. Pois é, toma uma coisinha pra esquentar. Tem cantor que só canta maconhado. Ô cabra taboca da bexiga pra cantar, maconhado é aquilo, ele acaba morrendo. Mas rapaz, quando chegava uma banda, era tanta da gente e o camarada morrendo de nervoso e estava lá doidão, já era. Caía na paia com a bexiga até o amanhecer. (GAVIÃO, 18/08/2019).

Conhecido como Gavião do Forró Babauzeiro, Gavião é o único homem que ficou encarregado de dar continuidade brincando de babau em Piripiri. Seus primeiros contatos com a brincadeira, diz que foi quando era ainda criança e foi com seu pai que aprendeu a arte:

Naquele tempo nós era novo eu tinha uns oito anos, faz muito tempo. Aí então apareceu esses babau. O povo chamava “babauvar” ou “babulengo”, era um babulango da bexiga. O camarada foi trazendo para lado de cá, insistiu por aqui. Ai eu queria ver esse babau que eu nunca vi, eu queria ver esse condenado. Aí eu fui na rua e tinha um em dona Olívia. Opa! Tive uma ideia, eu ri por demais. A bexiga dava cada brigada. Perguntei ao meu pai, isso é de verdade mesmo? É não, cabra, isso são bonecos. E disse que ia fazer uma aqui pra eu ver. Fez e pronto, começamos a fazer a primeira brincadeira. (GAVIÃO, 18/08/2019)

Segundo Gavião, o período que começaram a saírem brincando foi um momento que renderam muitos lucros financeiros, não tinha noção que a brincadeira ofertasse

tanto dinheiro. “Naquele tempo o camarada ganhava tanto dinheiro no meio do mundo que as carteiras véias não trancavam”. Brincava em Itapororoca, Barroca dos Santos, Leite Mirim, em Estacada, dentre outros lugares. Gavião diz que foi Luiz Paulino que trouxe essa brincadeira pra cá, trouxe de Campina Grande.

Gavião mora sozinho e diz nunca ter se interessado em formar uma família. Sua profissão é a brincadeira do babau. Depois do declínio da brincadeira ele passou a receber ajuda de um dos seus irmãos, aposentado. Diz ser uma pessoa que não gosta de conviver com muitas pessoas, se relaciona apenas com dois irmãos e uns vizinhos mais próximos.

Começou na brincadeira do babau como ajudante, depois na animação da brincadeira tocando rebeca e pandeiro, aprendeu tocar com os animadores da brincadeira. Após o babau passar por alguns responsáveis pela brincadeira ele ficou responsável até os dias atuais, ele que faz os seus próprios bonecos e dá vida aos personagens.

Com relação ao declínio da brincadeira, Gavião atribui à existência de energia elétrica, televisão e bandas musicais de forró. E que as pessoas acompanham essas festas. “Se bota uma brincadeira do babau, duas vezes ainda vai, na terceira já não vai ninguém”. Diz que toda palhaçada de boneco que aparece na televisão é a mesma coisa das apresentações. Acredita que as brincadeiras podem voltar a ser palco de grandes espetáculos e que não irão acabar, podem diminuir, mas acabar não, que as noites de São João e os comícios são momentos que ajudam na permanência e continuidade da brincadeira do babau. Mas diz que não acredita que as músicas serão diferenciadas e que será somente por diversão, pois hoje o babau não rende lucros como antigamente.

A ciranda tem uma história parecida com a do babau e nos ajuda a pensar nas dinâmicas dessas brincadeiras tradicionais. Seu João, outro morador local entrevistado, é cirandeiro, um tipo de música e dança acompanhado de bumbo. Seus primeiros contatos com a ciranda foi com Antônio Pedrinho, de Pernambuco. Ninguém sabia o que era aquilo, ficavam todos calados e observando, ouviam aquela cantoria, mas de longe. Ele conta: “foi daí que começaram a brincar, teve um dia que a gente ficou de ir, aparecemos lá na brincadeira, aí o povo invadiram e chamaram o véio pra brincar em suas casas”. Conta que Pedrinho cantava as cirandas de Caruaru. Nesta noite, Seu João diz ter se apaixonado por uma mulher e foi com ela que dançou ciranda a noite inteira.

Com o passar do tempo conheceu um senhor que se chamava Nego Velho, ele tinha uma bandinha e resolveu fazer a brincadeira, a partir disso a ciranda do Nego Velho foi tomando proporção e foi aí que criaram “Os Criaturas”, um grupo de ciranda, composta por Nego Velho, dois rapazes, algumas moças, mulheres e o personagem Cabrunco. “Aonde ele ia era aquele cordão de gente arrodiar a ciranda. Os caras caíam no meio também, aí ficava noite todinha e amanhecia o dia”. Foi através do convite do pai de Nego Velho que Seu João entrou na banda. Ele conta:

Eu me lembro como se fosse hoje, os caras chegaram cá, onde eu tava com a sanfona e o zabumbeirinho, ficaram olhando e tome cana e tome zabumba. O sol saiu e eu pegava com a mão, e eu lá, lá na beira da lagoa. Aí a gente pegava lá alçapão bem miudinha, miudinha, miudinha, e tome fogo. Aí o véi pai dele, Sansão, convidou a gente pra bater ciranda numa noite de ano. A festa seria dentro do seu mercadinho. E nós fomos. Meu pai me perguntou, pra onde vocês vão? Falei que ia tocar na ciranda. Chegamos lá, vimos que tinha mais dois bumbas, e quando anoiteceu, a gente arrochou o couro. Meia noite o compadre chegou e disse que era para a gente parar e ir pra lagoa tomar banho. Aí rolamos de novo, aí o sol saiu e só voltamos pra casa de sete hora. Naquele tempo o povo era muito bom, tudo saudável. (Seu João, 17/08/2019).

Seu João relata que gostava de brincar e até hoje trabalha com esse negócio de ciranda. Relembra dos tempos que brincavam e diz que os sábados eram os dias preferidos, pois poderiam virar a noite, já que não trabalhavam aos domingos. Diz que o valor que recebiam para tocar era muito pouco, recebiam quinze réis cada um.

Acrescenta que um dos motivos que fizeram com que houvesse uma diminuição de cirandas foi o aumento crescente da brincadeira, “Aí todo canto tinha um azabumba, quando batia uma, tinha outra noutro canto. E tinha noite que você ia pra três cirandas se quisesse”. Outro motivo, segundo seu João seria por causa das televisões, diz que a ciranda acabou, e lamenta muito, pois era uma boa brincadeira, “Acabou-se devido à televisão, nesse tempo num tinha nada disso, som começou a aparecer e os caras num querem a ciranda mais. Eu acho que se botar a ciranda hoje, acho que o povo num quer”.

Mas seu João e alguns membros ainda hoje brincam, a brincadeira acontece na casa de Neco Belo. Diz que a última que fizeram apareceram bastante gente e que foi uma noite de festa. Ao questionar seu João qual seria sua opinião com relação a resgatar a popularidade da ciranda, se há possibilidades de voltar a ser como era antes, ele disse que não, não volta mais, acredita que o povo perdeu o interesse. Conta que antigamente as moças levavam os namorados para a ciranda, mas as moças de hoje não vão e nem levam e sentem vergonha de dançar.

Maria das Dores Souza Ribeiro, conhecida como Nita é minha mãe, relata suas experiências como prestigiadora do babau, conta que seus pais costumavam levá-la para assistir, o relato a seguir mostra como se deu seus primeiros contatos:

O meu primeiro contato com o babau, eu fui levada para o babau desde bebezinha, que os meus pais sempre gostavam de babau só que eu não tinha entendimento, eu comecei com entendimento depois dos dez anos. Comecei a ir para os babaus ver como que era, comecei a gostar, porque na época, naquele período as brincadeiras aqui da nossa região era babau, ciranda, lapinha e boi de reis, essas eram as tradições que nós tinha. (Maria das Dores, 17/08/2019).

Segundo minha mãe, existe uma grande diferença na brincadeira de antes para as de hoje, diz que antigamente as pessoas que brincavam o babau, os autores, eram pessoas profissionalizadas, sabiam brincar, sabiam apresentar. O babau era brincado por José Polino e Augusto Simplício, este era o pai de Gavião. Conta que ele era um senhor que tinha um dom de Deus. Pois, era uma pessoa analfabeta, mas isso não impedia seu desempenho na brincadeira. Ele era um bom pedreiro um bom desenhista, fazia balão, fazia moça, fazia peixes, bois, vacas, bodes. Fazia tudo isso em formato de balão. Desenhava as igrejas de nossa região, ele foi o desenhista dos altares, é era um bom mestre em madeira, inclusive, os bonecos do babau tudo era arte dele, ele mesmo confeccionava. Dava nomes a eles, atuava com personagens de homens e de mulheres, “se ele fizesse dez personagens ele imitaria todos os dez, ele sendo uma pessoa sozinha imitava os dez”.

Relembra de alguns personagens que marcaram sua infância: o Benedito, lembra porque era um personagem que era chefe e era o principal personagem, era inteligente, engraçado, malvado, bravo, mentiroso e medroso ao mesmo tempo.

Assim como os entrevistados anteriores, minha mãe também viu o declínio da brincadeira do babau e diz que foi com o aparecimento das televisões e com o avanço tecnológico. Ela acredita que as pessoas perderam o interesse pela brincadeira:

Ah depois que veio televisão, internet, por que no passado quando eu comecei me entender de gente não havia energia na comunidade só existia um radinho de pilha. As pessoas escutando e admirando o famoso Genival Lacerda com suas músicas. Mas, depois que surgiu energia, veio televisão, veio internet e começaram deixar de lado. Assistir televisão é mais fácil, hoje com muitos humoristas muitas pessoas que faz humor, então as pessoas deixaram o babau mais de lado, não vão deixar de ver um programa de humor ou Domingão do Faustão, um programa nos sábados com mais utilidade para ver um babau. (Maria das Dores).

Virgulino é meu último interlocutor, nesta pesquisa, disse que foi seu irmão Arno quem lhe levava para prestigiar a brincadeira, seu irmão era pandeirista. Quando começou a fazer parte como integrante, tinha de dezessete para dezoito anos de idade, disse que tocava no melê. O melê é um instrumento feito de lata, tem uma borracha amarrada com um arame preso com um alicate, um som bastante interessante. Via na figura dos personagens João Redondo e Benedito os principais e seus favoritos, principalmente nas desavenças e brigas entre eles.

Ao questionar Virgulino qual a representatividade da brincadeira do babau em sua vida, responde que considera a maior e melhor brincadeira, até hoje: “você bota uma brincadeira do babau todo mundo vai olhar aquela brincadeira, todo mundo porque é uma coisa graciosa”. Ele compara a brincadeira a uma peça de teatro. Não acredita que o babau declinou ou que acabou, relata que tem coisas hoje que antes não existiam, então bastava um violino, rabeca, uma sanfona e um pandeiro e a festa era a noite inteira e metade do outro dia. Mas hoje as pessoas veem mais opção. Diz que realmente diminuiu as apresentações e que lamenta que hoje Gavião seja o único babauzeiro.

Acrescenta que “Gavião brinca bonzinho, mas quando começa tomar umas, aí se desmantela”.

Todos os entrevistados acreditam que os avanços eletrônicos e tecnológicos estão diminuindo com a brincadeira, concordam que há dispersão de interesses em participar, tantos dos apresentadores como dos participantes. Um dos motivos seria por falta de dinheiro para os mestres e o outro seria as várias opções que a internet e a televisão proporcionam. Do ponto de vista antropológico, poderemos apontar que o que acontece é que as tradições continuam em movimento e que, houve uma diminuição nas apresentações, mas ainda acontecem e permanecem nas lembranças das pessoas.

Macedo e Assunção enfatizam em seu artigo, a compreensão de que a cultura se constrói e se reconstrói o tempo todo, está sempre em processo e que é resistência, “as culturas populares estão passando por profundas transformações na atualidade” (2018, p. 3). Mesmo que a maioria dos entrevistados achem que a brincadeira está acabando ou que acabou, há Virgulino que discorda, ele defende que a cultura da brincadeira continua: “pode até ter diminuído, mas não acabou não”. A fala de Virgulino comunga com o pensamento dos autores quando dizem que, “certas manifestações da cultura tradicional ainda funcionam na sociedade pós-moderna como um lugar onde o simbólico encontra espaço expressando sentimentos, convivências e visões de mundo” (MACÊDO e ASSUNÇÃO, 2018, p.3).

Virgulino cita em sua fala Gavião, diz que considera um bom babauzeiro, mas acredita que o álcool chega a atrapalhar suas apresentações. Já Gavião diz fazer uso de bebidas alcoólicas com o propósito de diminuir a timidez e de interagir com a plateia. Alcure relata que essa prática de consumo de álcool é comum nestes eventos. Conclui-se com tal fala, que existe essa similaridade entre Gavião e as pessoas que Alcure trabalhou.

Presenciando brincadeiras de mamulengo e cavalo-marinho, em alguns sítios da Zona da Mata de Pernambuco, em especial na região de Glória do Goitá e Lagoa do Itaenga, notei que essas apresentações são realizadas também por agricultores e trabalhadores, num ambiente cercado por canaviais e marcado pela presença explícita da cachaça, que nesse espaço social é um importante articulador de relações. (ALCURE, 2007, p. 31).

Outra questão que quero destacar é sobre o personagem Benedito, representado como negro, pobre e que almeja casar-se com a filha de João Redondo, branco e rico. O pai se posiciona contra o casamento e a cena é mostrada de forma preconceituosa. Preconceitos esses que se tem na sociedade de uma pessoa negra não ser aceita para fazer parte da família como namorado, isso ocorria com mais frequência na época em que a brincadeira do babau estava em alta, isso por volta das décadas de oitenta e noventa. Mas este tipo de preconceito e racismo ainda continua nos tempos atuais.

É importante refletir que, muitas vezes, os brincantes usam histórias de pessoas presentes na plateia, logo, as pessoas que estavam ali deduziam que os personagens estavam contando a respeito do sofrimento de alguém que passou por esse estigma na sociedade por ser uma pessoa pobre e negra. Ou seja, a plateia se identifica com a apresentação da brincadeira.

O filme etnográfico “Babau quente da gota serena”:

Como mencionado na metodologia, o tema do babau foi escolhido para a construção de um filme desenvolvido dentro da disciplina Técnicas e Estéticas do Audiovisual. A equipe era composta pelo professor Oswaldo Giovanini e os colegas de turma, Adneuse Targino, Rafael Bueno, Renata Cavalcante, Guilherme Monteiro e Claudionor. A realização do filme se deu no sítio Piripiri, localizado na zona rural de Itapororoca. Fui responsável por toda parte de organização e a brincadeira foi na casa da minha mãe, nesta época ainda morava com ela. A equipe foi recebida pela minha família, a duração das gravações do filme foi de dois dias e esses dias eles ficaram na casa de minha mãe. Antes da chegada da equipe, minha mãe questionou, comigo, sobre o que eles iam querer, falei para que ela ficasse sossegada que o pessoal comia as comidas locais que tínhamos em casa mesmo. De fato comeram comidas típicas, macaxeira, batata doce, cuscuz, arroz, macarrão e sopa. Aparentemente saíram todos satisfeitos e agradecidos.

A equipe foi bem recebida pela população, ajudaram na organização e na montagem. Na hora do espetáculo eles interagiram bastante com o babauzeiro Gavião e isso facilitou e incrementou o filme. O nome do filme é “Babau quente da gota serena”. Narra a história do babau e a sua apresentação.

Às vinte horas o mestre Gavião do forró deu início à brincadeira do Babau e nós iniciamos nosso trabalho com as filmagens e as anotações. Gavião inicia pedindo para o tocador puxar o fole, então o trio que é composto por sanfona, triângulo e zabumba começa tocar. Alguns minutos depois o mestre dá a ordem de pararem que João Redondo vai entrar. Neste filme fui protagonista e toquei a sanfona. Após as gravações do filme, levamos o material para o laboratório visual (ARANDU) para análise, processo de edição e a montagem do filme. Em seguida, marquei com a comunidade para exibimos o filme. Fiquei surpreso, pois a comunidade veio em peso. Para apresentação, montamos uma estrutura, um telão foi colocado, em seguida organizamos uma palestra com o pessoal, onde na oportunidade eles interagiram e fizeram suas colocações, com relação ao filme. Após a exibição do filme e da palestra, fizemos o encerramento com uma belíssima ciranda. O momento da apresentação, foi bastante gratificante, podemos perceber que os moradores ficaram satisfeitos com o nosso trabalho e principalmente com o retorno. Pois, considero de extrema importância o retorno aos grupos pesquisados.

Assim, encerro meu trabalho apresentando uma rima do mestre Gavião, dita no início do filme.

Eu sou o capitão João redondo o rei da fiança tem cabelo no
peito de da trança, comigo é telecoteco Mané peteco pelango foi
não foi camarão grelou o oi ta torrado, a minha volta e por
dentro que nem talo de macaxeira comida de aruar torrado, viu
tocador hoje aqui não quero bumba meu boi, não quero coco de
roda, não quero lapinha, não quero ciranda, não quero toque de
qualidade nenhum. (GAVIÃO, 2016).

Conclusão

Filho de agricultores, nascido no interior de Itapororoca, sendo o terceiro filho de Maria das Dores e José Vicente, sou o único da família a cursar uma universidade. O incentivo veio por parte da minha mãe, ela dizia que ver um filho formado em um curso superior, era seu maior sonho.

Com relação à escolha do curso, meu interesse pela antropologia surgiu em virtude de uma conversa com um amigo, Irineu, que estava cursando este curso. Na oportunidade, tive o privilégio, através dele, de um resumo da área do que seria esse curso e foi o percurso trilhado nas laudas de cada texto que me fez refletir e decidir optar pelo curso de antropologia. A experiência vivida a cada aula me deixava cada vez mais consciente do ofício que era o fazer antropológico.

O curso em si me transformou, hoje tenho uma visão totalmente diferenciada onde se consegui ver além de um olhar, pois um dos papéis do antropólogo é compreender o outro da forma que ele é, sem julgar, simplesmente aceitar as diferenças de cada grupo e de cada indivíduo. E o universo acadêmico me ensinou a respeitar o próximo com suas liberdades de expressão, esta foi uma das coisas mais importante que a antropologia me proporcionou.

O curso ofertava duas habilitações, uma social e a outra visual, optei pela segunda, pois o universo visual sempre me chamou atenção. José Ribeiro (2007, p. 11) enfatiza que “o olhar etnográfico é uma dupla construção (...) propõe-se ver e mostrar o mundo e a forma de construir como linguagem e como processo de construção da linguagem”.

E foi através dessa escolha que decidi trabalhar com o babau. Até então, havia optado para trabalhar um tema sobre música, ou seja, a rotina de uma banda de forró. Essa minha escolha pela música se deu devido gostar muito de forró e fazer parte de uma banda como músico. O professor sugeriu cada aluno narrasse uma manifestação cultural de sua cidade, narrei o babau, houve interesse por parte dos alunos e do professor e a partir de então realizamos um filme etnográfico e segui trabalhando com este tema. Gavião do Forró foi convidado para participar do filme, onde sua participação teria um lugar de destaque. O roteiro da gravação foi executado sem dificuldades, a equipe que veio a campo já tinha experiências de outras atividades semelhantes. Fiquei encarregado de organizar o evento por já fazer parte da brincadeira e saber todos os procedimentos para se realizar uma apresentação da brincadeira do babau. Na oportunidade, recebi o convite do mestre Gavião do forró, para ser o sanfoneiro da brincadeira. Aceitei o convite e toquei com ele durante algumas apresentações, coisa que ainda faço, mas não com tanta intensidade, devido a outras prioridades.

Em 2016, a convite do professor Oswaldo, participei de um projeto de extensão, pela universidade, (RECOSEC) que buscava pesquisar sobre a brincadeira do babau. Na oportunidade, com o projeto, voltei a campo para descrever a origem da brincadeira do babau de Itapororoca. A experiência me rendeu boas expectativas sobre o tema, os relatos, as conversas e a aproximação com os interlocutores, serviram para uma experiência de campo, onde até então pude perceber qual o verdadeiro papel do pesquisador. Pois algumas falas mostraram que devemos além de tudo, preservar as intimidades e individualidades dos pesquisados. O campo deixa o pesquisador apto a expor o que de fato interessa ao leitor, onde filtrar o lado pessoal, nos contextos gerais e específicos de cada tema, deve ser essencial. José Ribeiro, cita Laplantine (1996, p.12) ao enfatizar que “A descrição etnográfica, etapa fundamental para a Antropologia não consiste apenas em ver, ou em ver e analisar, mas em mostrar, dizer ou escrever o que se vê, isto é, o “transformar o olhar em linguagem”.

Percebi que com a realização do filme obtive um material significativo, pois a brincadeira do babau estava passando por um declínio. Hoje pouco se ver falar, lembrei que na época que eu era criança, o babau estava em alta e sempre havia apresentações, o babau animou as noitadas por décadas. Vi uma oportunidade de trazer neste trabalho relatos das pessoas mais velhas e quem sabe ele servirá de inspiração para os futuros leitores que ingressarem na academia. Relato isso com base na minha experiência ao ouvir as histórias que os mais velhos contaram em meu trabalho. O tom que eles externavam ao falarem na brincadeira do babau era de saudosismo.

Hoje vim paquerar a moça mais bonita desse lugar, sou feito de madeira paiba da mata raspado a faca, sou homem de confiança comigo não tem lambança, comigo foi não foi, leva logo um tapa oi.

REFERÊNCIAS:

- ALCURE, Adriana Schneider, a zona da mata é rica de cana e brincadeira, uma, uma etnografia do mamulengo. Rio de Janeiro. Abril de. 2007.
- GEERTZ. Clifford- A interpretação da cultura, 1926. 1edição. 13 rempr- Rio de Janeiro LCTT, 2008. 323p.

HAAL, Stuart. A identidade cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 1992.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Educação patrimonial: inventários Participativos: manual de aplicação. Texto de Sônia Regina Rampim, Florência et ali, Brasília, IPHAN, 2016.

MACÊDO. Zildalte Ramos de, ASSUNÇÃO. Luiz, teatro de João Redondo do Rio Grande do Norte: Transmissão, negociação e circulação da pratica e do saber. UFRN/PPGAS, UFRN/PPGAS. 2018.

MALINOWSKI, Bronislaw. “*Os Argonautas do Pacífico Ocidental*”. São Paulo. Serie os Pensadores. Abril Cultural, 1984.

RIBEIRO. José da Silva, Jean Rouch- Filme Etnográfico e Antropologia Visual. 2007, pp6-54. SANTOS.

SANTOS, Camila Matzenauer dos; BIANCALANA. Gisela Reis. Auto etnografia: um caminho metodológico para a pesquisa em artes performativas. Revista aspas, vol.7, N° 2, 2017.

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/508/> data 10/09/2019 às 17h55min.